

soltando o grito festivo: Viva a Confederação do Equador, Manuel de Carvalho Pais de Andrade.

( Ulisses Brandão, **A Confederação do Equador**, págs. 205/207. Recife, 1 924. Repr. em Bonavides e Vieira, **Textos políticos da História do Brasil**, 157/159. Fortaleza, Impr. Univ. do Ceará, 1 973. )

\*

### CONQUISTA DO MÉXICO E DO PERU ( Montaigne )

Nosso mundo acaba de descobrir outro ( e quem nos diz que seja o último, se os demônios, as sibilas e nós mesmos ignoráramos esse até agora ? ) não menos grande, vasto e sólido do que o nosso. Mas tão novo e jovem que lhe ensinam ainda o abc. Há menos de cinquenta anos não conhecia nem letras, nem pesos, nem medidas, nem roupas, nem trigo e vinha; estava ainda nu no seio da mãe nutriz... era um mundo criança. Se não o subjugamos e sujeitamos à nossa disciplina pelo nosso maior valor, ou por vantagens naturais, tão pouco o fizemos com justiça, bondade e magnanimidade. Suas respostas, em sua maioria, e as negociações levadas a efeito, testemunham que nada nos ficavam a dever em matéria de clareza de espírito natural e de pertinência. A assombrosa magnificência das cidades de Cusco e do México, bem como, entre outras coisas, o jardim daquele rei, em que todas as árvores, frutos e ervas se reproduziam em ouro de conformidade com o seu tamanho natural, e ainda seu gabinete, onde todos os animais nascidos em seu Estado e em seus mares assim também se representavam, além da beleza de suas obras de pedraria, pluma ou algodão e mais as suas pinturas, mostram que nada nos ficavam a dever igualmente na indústria. Quanto à devoção, à observância das leis, à fraqueza, vantajoso foi-nos não tê-las tanto quanto eles; por isso se perderam, vendendo-se, e se traíndo a si próprios pelas suas próprias qualidades.

No que diz respeito ao arrojo, à coragem, à firmeza de caráter, à constância, à resistência às dores, à fome e à morte, não me parece excessivo comparar os exemplos encontrados entre eles com os mais famosos da antiguidade. Os que os subjugaram não teriam oportunidade para tantas vitórias se lhes fossem retirados os engodos e o aparelhamento de que se serviram para enganá-los. Tanto mais quanto um compreensível assombro invadia tais povos ao verem chegar inesperadamente os conquistadores barbudos, de língua e religião tão diversas na forma e no conteúdo, vindos de plagas longínquas que nunca

havia imaginado fossem habitadas; e que chegavam montando grandes monstros, desconhecidos de quem jamais vira nem cavalos nem sequer nenhum outro animal que servisse para sustentar um homem ou uma carga; e que surgiam vestidos de peles luzidias e duras, e armados de armas cortantes e resplendentes, para jogar-se contra aquela pobre gente que trocava imensas riquezas de ouro e pérolas por um espelho brilhante ou uma faca e que não tinha nem ciência nem material com que atravessar o nosso aço. Acrescentem-se os raios e trovões de nossos arcabuzes capazes de assombrar ao próprio César (o qual fora surpreendido em idênticas circunstâncias) dirigidos contra povos nus, cobertos apenas de tecidos de algodão e somente donos de arcos, pedras, cacetes e escudos de madeira; povos em verdade iludidos pela falsa amizade e má fé, atraídos pela curiosidade de ver coisas estranhas e desconhecidas.

Sem essa disparidade, já o disse, não teriam tido os conquistadores oportunidade para tantas vitórias. Quando penso nesse ardor indomável com que milhares de homens, mulheres e crianças se lançam contra perigos inevitáveis em defesa de seus deuses e de sua liberdade; quando vejo essa generosa obstinação em tudo sofrer, inclusive a morte, de preferência a se submeterem ao domínio dos que tão vergonhosamente os enganaram, aceitando muitos morrer de fome, quando prisioneiros, para nada receber das mãos do inimigo vilmente vitorioso, sinto que, se fossem atacados em igualdade de condições, de armas e de número, seriam tão perigosos, ou mais, quanto os de outra guerra a que assistimos.

Costeando a terra em busca de minas alguns espanhóis aportam em país fértil e aprazível, muito habitado, e fazem ao povo suas costumeiras advertências: que eram gente pacífica, chegada de remotas terras, mandada pelo rei de Castela, o maior príncipe do mundo, ao qual o Papa, representante de Deus no universo, dera o domínio das Índias; que se lhes quisessem ser tributários seriam muito benignamente tratados; que lhes pediam víveres para seu alimento e ouro para a necessidade de alguma medicina; ademais recomendavam a crença num só Deus e a verdade de nossa religião que aconselhavam aceitassem; e acrescentavam algumas ameaças. Eis a resposta: que quanto a serem pacíficos não o pareciam, se é que o eram; quanto a seu rei, devia ser indigente, posto que pedia; quanto àquele que fizera a distribuição das terras, amava sem dúvida a discórdia pois dava a outrem o que não lhe pertencia e provocava assim hostilidades com os verdadeiros donos, quanto aos víveres, que os dariam; quanto ao ouro, que pouco possuíam e era coisa de menor valia, tanto mais quanto inútil à vida que cuidavam de tornar feliz e aprazível; que tomassem portanto de tudo que encontrassem, salvo o destinado aos serviços dos deuses; quanto ao Deus único, agradara-lhes a afirmação, mas não desejavam mudar de religião, já que lhes servira a que tinham durante tão longos anos; quanto aos conselhos, que não

estavam acostumados a aceitá-los senão de amigos e conhecidos; quanto às ameaças, parecia-lhes loucura que as dirigissem sem conhecimento dos meios de defesa. Que em vista disso saíssem imediatamente do lugar, pois não estavam acostumados a levar em consideração os propósitos de gente armada e estranha; e que se não se retirassem fariam com eles o que haviam feito com outros, como o provaram com as cabeças de alguns homens justicados perto da cidade.

Eis um exemplo das promessas dessa infância.

( Montaigne, *Ensaio*, em "O Pensamento Vivo de Montaigne", apresentado por André Gide, págs. 69/72. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo, Martins, 1 965. Col. "Biblioteca do Pensamento Vivo", vol. 6. )

\*

\* \*

## VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

TANCREDO DO AMARAL ( 1 866 – 1 928 )

O nome que escolhemos como "vulto da historiografia brasileira" do presente número poderá, à primeira vista, parecer deslocado nesta seção. Não só não se dedicou apenas a historiografia, como, a rigor, não poderia, de fato, ser catalogado como historiador, embora produzisse alguns trabalhos que o estudioso de hoje não poderá deixar de apreciar. Todavia, é principalmente como dos mais esforçados obreiros da causa da instrução pública em nosso Estado que o recordaremos, pois, como tal, empenhou-se denodadamente pelo ensino da história e da geografia de São Paulo em nossas escolas primárias, chegando a escrever livros destinados a esse objetivo. Hoje, quanto se lamenta o profundo desconhecimento por parte dos paulistas, do seu passado, quando nosso Estado é talvez o único de todo o país que não possui em suas escolas cadeiras ou simplesmente cursos destinados a ministrar sua história tão rica de feitos e de ensinamentos, tão prene de civismo e de patriotismo, tão volumosa de participações na vida nacional, é até com emoção que recordamos a figura de um dos pioneiros do paulistanismo em nossa terra.

Tancredo Leite do Amaral Coutinho, literariamente conhecido apenas por Tancreco do Amaral ( que é como assinava seus escritos ), nasceu em São Paulo a 18 de fevereiro de 1 866 e faleceu em São Bernardo ( atualmente São Bernardo do Campo ) a 23 de julho de 1 928. Fez seus estudos primários nos colégios Bentley e Martin, matriculando-se, depois, na Escola Normal da capital, pela qual se formou em 1 886. Nessa escola, de tanta significação para a vi-